

ENTREVISTANDO O ENTREVISTADOR

UMA EXPERIÊNCIA ILUSTRATIVA DA PRÁTICA
E PERCEPÇÃO DE UM PESQUISADOR.

Fernanda Carla de Oliveira Flores

Licenciatura Plena em História e Acadêmica de Direito da UFF



Arquivo de imagens do Microsoft Publisher

RESUMO

Este artigo visa enfatizar a importância da interdisciplinaridade e da utilização de diferentes métodos de pesquisa, bem como narrar a experiência de entrevistar o entrevistador, buscando, com isso, na prática, as respostas para algumas dúvidas a respeito da associação de diferentes métodos de pesquisa científica, e dos pontos de convergência entre essas técnicas e a aplicação de prática e teoria, e ainda, do papel do jurista, enquanto contestador.

PALAVRAS-CHAVES: Direito; Pesquisa Jurídica; Interdisciplinaridade

ABSTRACT

This article focuses the importance of the interdisciplinarity and the use of different methods of research, as well as telling the experience of interviewing the interviewer, searching with this, practical answers for some doubts in relation to the association of different scientific techniques of research, and the convergence points between these techniques and the practical and theory application, besides the jurist's paper as a contestator.

KEY-WORDS: Law; Law research; Interdisciplinary.

I. Uma breve introdução

Discutir sobre qual o melhor método de pesquisa seria, talvez, o objetivo básico desse artigo, porém, também visa observar a linha tênue na qual o pesquisador transita durante sua pesquisa, ora entrevistador, ora entrevistado, e além disso, observar, a importância da interdisciplinaridade e das técnicas de pesquisa, utilizadas pelas mais diferentes ciências do conhecimento, que há muito já perpassam as ciências clássicas de pesquisa, tais como: a História, a Antropologia, a Sociologia, entre outras; no estudo do Direito é fundamental, hoje, para o crescimento das ciências jurídicas, em especial para a pesquisa jurídica, esse trabalho de interdisciplinaridade como outras Ciências.

Gostaria de destacar, e não deixar de lado, também, a importância do trabalho conjunto entre teoria e prática, na pesquisa jurídica, onde seu esforço científico passa a ter sempre o caráter de um desafio ao mesmo tempo teórico, quanto prático, devido à sua capacidade de transformar ou impedir a mudança na sociedade. Cabe reforçar, aqui, da importância do Direito, como transformador, não deixando, é claro, de ser transformado, pela sociedade, como ciência não mais contemplativa, mas renovadora e mediadora dos problemas sociais, e por que não, da própria manutenção da natureza e cidadania. Não se pode mais interpretar o mundo: temos que agir, que transformar, temos que modificar nosso comportamento social.

Da necessidade de perceber em concretezude, se realmente é possível unir teoria e prática, por meio de métodos de pesquisa distanciados, bem como, a união desses métodos para que possamos estabelecer um papel transformador na sociedade, partimos para entrevistar pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com larga experiência em pesquisa, com o objetivo de relatar uma experiência ilustrativa de suas experiências, enquanto entrevistadores, assim como, a mudança de papel desses entrevistadores, ora entrevistados.

II. Da teoria à prática

Seria importante, neste momento, analisar como teoria e prática foram importantes nesta pequena experimentação. Uma pesquisa, normalmente, desenvolve um exame de dados e observações, é necessário ir a

campo e coletá-las; esta é a fase inicial de uma pesquisa, ela é importante e enriquecedora, mas não basta em si, é necessária uma reflexão, um nexo entre os dados coletados e o processo de pesquisa científica. Nesse momento, é importante responder os porquês e entrelaçar os dados e suas variáveis, mostrando como teoria e realidade estão interligadas e interagindo. Devemos nos preocupar pelo que de fato é a realidade, que pode ser obtida com a coleta de dados – independente do método de pesquisa, e não em, simplesmente, descrever aquilo que gostaríamos que fosse a realidade, ou seja, deveríamos alargar o conhecimento é não simplesmente reproduzi-lo. Muitos pesquisadores defrontam-se com grandes dificuldades por não conseguir identificar no mundo real, na vida prática, os casos perfeitamente definidos na teoria. Contudo há diferenças, que só podem ser percebidas por instrumento teórico e não empírico, para isentar o resultado, das imperfeições humanas e das limitações do pesquisador. Em certos casos, a teoria faz o papel de um depurador de alta sensibilidade. É neste ponto que o cientista precisa ter intimidade com a teoria dos erros e saber investigar o terreno da incerteza, formulando, cuidadosamente, suas hipóteses para que a verdade não se mascare nos resultados, em virtude das suas bases conceituais inadequadas. Os métodos quantitativos e, sobretudo, a criatividade e experiência do pesquisador se combinam, ora prevalecendo as verdades de uma ou de outra, para formar o produto acabado mais importante do trabalho de pesquisa, que é a interpretação dos resultados.

Graças a toda a discussão teórica, onde, a princípio, o embate era conhecer e analisar quais os métodos que seriam os mais adequados à pesquisa, entre elas, a qualitativa e quantitativa, por meio, especialmente, do estudo das práticas de diferentes pesquisadores em seu cotidiano de trabalho que colhemos subsídios para os aprendizados da metodologia de pesquisa, bem como, chegamos à percepção dos aspectos positivos e negativos de ambos os métodos.

III. Método quantitativo x Método qualitativo

A aplicação de métodos quantitativos torna possível estabelecer as prováveis causas a que estão submetidos os objetos de estudo, assim como, descrever em detalhes o padrão

de ocorrência dos eventos observados; tais técnicas permitem abordar uma grande variedade de áreas de investigação com um mesmo entrevistado, validar estatisticamente as variáveis em estudo e seus resultados podem ser extrapolados para o universo. O problema é improvisar sem perder o controle sobre as diversas fontes de erro nesse tipo de pesquisa, onde o pesquisador tem que ser geógrafo, estatístico, censitário, sociólogo. Existe um limite para esta improvisação, pois a pesquisa quantitativa suporta apenas um tanto de adaptação sem perder sua essência. Outros erros também podem se destacar, tais como: o questionário mal elaborado ou pouco adaptado à pesquisa; a postura do entrevistador; e a análise do entrevistados sobre a pesquisa.

Já os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma, e aos objetivos, suas características essenciais são: o ambiente natural, como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, enfoque indutivo, caráter descritivo, o significado que as pessoas dão às coisas, e à sua vida, como preocupação do investigador, são feitos no local da origem dos dados; não impedem o uso da lógica do empirismo científico, mas empregam, de forma mais apropriada, a análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certa ambigüidade; supõem, também, um corte temporal-espacial de um determinado objeto da pesquisa.

O problema da utilização de pesquisa qualitativa reside no fato de que os métodos para a análise e as convenções a empregar não são bem estabelecidos, ao contrário do que ocorre com a pesquisa quantitativa, ou seja, o inovador e o incontestável podem estar, de fato, errados.

As pesquisas qualitativas envolvendo análises comportamentais não devem desprezar a existência de uma possível superposição de tempo e espaço, formando o que os sociólogos chamam de “contemporaneidade do não coetâneo” (SODRÉ, N.W.:1963,114), ou seja, a sobrevivência ou interpenetração de traços de uma cultura arcaica e rural num mundo moderno e urbano. Gilberto Freyre, através do seu conceito de “r u r b a n i s m o” (FREYRE, Gilberto:1982,153) estabeleceu as bases sociológicas para analisar este fenômeno sociocultural. No “Central do Brasil”, por exemplo, se demonstra, que, em plena época da globalização, ainda há expressivos contingentes de brasileiros neste nosso imenso país, que convivem

harmoniosamente em dois Brasis, formando dois tempos sociológicos.

Na verdade, a coleta, a interpretação e a avaliação dos dados são problemáticas em qualquer tipo de pesquisa, seja ela quantitativa ou qualitativa. "O método científico é uma forma de produção de conhecimento que se caracteriza pela combinação entre especulações lógicas abstratas e verificações práticas concretas". (EHLERS, Ricardo S.:2001,4)

Em alguns casos específicos, seria aconselhável que uma pesquisa qualitativa seja complementada por uma pesquisa quantitativa, a fim de se verificar com que dimensões ou intensidade numérica certas variáveis ou tendências ocorrem no universo, inclusive com estimativas de margens de erro e níveis de confiabilidade estatística

Os métodos quantitativos e qualitativos não se excluem. Embora se diferenciem quanto à forma, e ênfase, podemos distingui-los mas não seria correto afirmar que possuem relação de oposição. Na verdade, complementam-se e podem contribuir, em um mesmo estudo, para o melhor entendimento do fenômeno estudado. Podemos observar que a interação entre os dois métodos é reduzida, na fase de coleta, mas, na fase de conclusão, eles se completam.

Aglutinar técnicas qualitativas e quantitativas torna uma pesquisa mais forte e reduz o problema do uso exclusivo de um desses grupos. Podemos enumerar alguns desses benefícios, tais como: possibilidade de agregar identificação de variáveis específicas com uma visão global do fenômeno; possibilidade de enriquecer constatações obtidas sob condições controladas com dados obtidos dentro de um contexto natural de sua ocorrência; possibilidade de reafirmar validade e confiabilidade das descobertas pelo emprego de técnicas diferenciadas; possibilidade de completar um conjunto de fatos e causas associados ao emprego de metodologia quantitativa com uma visão da natureza dinâmica da realidade.

O que fica claro, em uma pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, é que o pesquisador não se ocupa simplesmente de acumular dados, mas, sobretudo, de considerar que o significado seja útil para os fins da pesquisa e dentro de um contexto.

O ponto de partida para demonstrar as possibilidades da associação de métodos foi a análise do texto de Neuma Aguiar (1973).

A leitura tornou-se prazerosa, e desafiadora, pois, na medida em que a escolha do método de análise pudesse ser bastante complicada, renemorávamos

o que já havia sido discutido e lido por outros grupos gerando, assim, algumas questões sobre a possibilidade, ou não, da associação de técnicas, na medida em que, cada uma, à sua maneira, revelava nuances e aspectos muito particulares das disciplinas que as utilizam, tais como, a Sociologia e a Antropologia.

IV. Experiência ilustrativa

Sendo assim, o que se segue é uma colagem de experiências pessoais, das discussões metodológicas e da constatação empírica das possibilidades de associações de técnicas e métodos tão diferenciados.

Nosso primeiro problema era demonstrar como seria possível essa associação. A resposta surgiu após percebemos que muito do que era debatido já fizera de alguma forma parte da minha vivência profissional. Passo a narrar essa experiência, numa tentativa de ilustrar algumas observações alinhavadas, no presente texto².

É interessante, como, muitas vezes, só depois que nos distanciamos de uma situação ou pesquisa, é que percebemos detalhes, questionamentos e resultados não esperados e, muitas vezes, surpreendentes.

Nossa primeira observação nos fez perceber que a coleta de dados, quando bem planejada, que busque embasamento teórico, com um objetivo concreto e direcionado, pode traduzir, em suas entrelinhas, informações de muito valor para a pesquisa.

Após a leitura do texto de Neuma Aguiar, e observar a experiência vivenciada pela autora, na busca de resolver o embate entre especificação e generalização da uma pesquisa, vale a pena apontar alguns questionamentos e problemas da autora, tais como: a contradição do afetivo e o ser profissional; a escolha do melhor método; a necessidade de embasamento teórico; ver-se como exótico, e ao mesmo tempo, como familiar e tirar proveito dessas situações, sem interferir com o objeto de sua pesquisa; a problemática da posição social do entrevistador e entrevistado, que, muitas vezes, pode imprimir uma característica à pesquisa que ela não possui; a melhor forma de criação de um questionário, em especial, a preocupação com o universo do seu público-alvo e o vocabulário; a preocupação com o que é geral ou pessoal (específico), na pesquisa, bem como, os problemas de padronização e da amostragem de uma pesquisa.

De volta aos amigos do IBGE que vivenciavam, em seu dia-a-dia, a mesma

experiência e dificuldades no campo da pesquisa. Decidi, com o apoio dos colegas do grupo, e sai a campo para entrevistar entrevistadores e observar como se sentiam do outro lado, na posição de entrevistados; queríamos, com isso, vivenciar, e perceber, as nuances, que só um entrevistador, com muitos anos de experiência, poderia nos proporcionar.

Em certa medida já tínhamos um considerável embasamento teórico para elaboramos essas entrevistas, e nos deparamos com a primeira dificuldade: a elaboração do questionário; afinal, como todo bom pesquisador, teríamos que construir as perguntas, de forma a atingimos as respostas necessárias à elucidação de nossos questionamentos. Gostaria de lembrar que já possuíamos a experiência de observação participante (qualitativa): foram mais de dois anos observando o trabalho dos funcionários do IBGE, e sendo assim, já tínhamos parte da pesquisa elucidada.

Com o formulário preparado, nos deparamos com nossa segunda dificuldade: conseguir a entrevista. Neste momento, gostaria de ressaltar que muito do que, a partir de então, pude vivenciar com essa pesquisa, foi, exatamente, ou em grande parte, narrado pelos nossos entrevistados, como dificuldades vividas por eles em seu trabalho diário.

Quanto a essa fase da entrevista, foi muito interessante o depoimento do chefe do escritório local, quando perguntado sobre os pontos em comum dos diversos grupos entrevistados: "Levados pela dinâmica do mundo atual, o ponto em comum é a falta de tempo dos entrevistados; observa-se este fato em todas as camadas sociais, seja de um simples peão agrícola, até o mais bem sucedido executivo ... você pode constatar a afirmação do item 7 (pergunta acima), pois só atendê-la hoje, apesar de já termos agendado anteriormente esta entrevista."³

Um primeiro contato foi necessário, antes de começar a pesquisa, para analisar a viabilidade da mesma, e observar se o questionário formulado era viável naquele universo; tal verificação foi de extrema utilidade.

Embora estivesse em um microcosmo, pude tirar um bom proveito: dos oito funcionários do IBGE local, consegui entrevistar seis (75%); todos eles, sem exceção, tinham larga experiência em coleta de dados, e alguns já haviam passado por outros departamentos, tais como, o de preparação e análise de formulários. A média de anos trabalhados, era de vinte anos.

A princípio, houve uma certa resistência à entrevista, o que já se

esperava, por se tratar, o IBGE, de um órgão do governo e por haver uma hierarquia interna; confesso que isso dificultou o início dos trabalhos, pois tive que esperar autorização do chefe do escritório local, mas que, prontamente, anuiu à realização do nosso trabalho.

Pude perceber uma diferenciação de tratamento, é até de desconfiança, entre os que já me conheciam (o familiar) e da parte daqueles aos quais tinha acabado de ser apresentada (o exótico). Muito embora, tivesse apresentado meu propósito com aquela entrevista, o mais curioso é que, em sua maioria, já tinham passado pela mesma situação, por motivos dos mais diversos. Em relação ao exótico e ao familiar pude constatar que ser exótico ou familiar, tanto ajuda, quanto prejudica a pesquisa. O curioso é que, em determinado momento, passei também a se investigada e entrevistada. Um dos funcionários ao ser questionado sobre como era ser entrevistado, respondeu: "É muito ruim ser entrevistado. Agora entendo e compreendo a postura de algumas pessoas que entevisto. Olha, menina! Você tem um bom jogo de cintura, acabei falando mais do que queria". O mesmo funcionário, quando perguntado sobre as dificuldades pessoais que enfrenta em seu trabalho de coletas de dados, respondeu: "Acho que essa pergunta não é adequada, ela abre margem para não isenção; daqui a pouco, alguns colegas vão estar falando de salário, e não dos reais problemas que enfrentamos."

Outra observação, foi constatar a necessidade, também, de conhecimento teórico por parte das pessoas que executam a coletas de dados, conforme declarou o mesmo entrevistado: "Infelizmente, alguns dos colegas que são contratados temporariamente, reclamam da linguagem empregada nos formulários e das dificuldades em aplicá-los, mas para mim o problema está no aplicador do formulário, que muitas vezes é treinado muito rapidamente não podendo, com isso, ter a experiência e estudo que temos para formular perguntas de cobertura; não adianta, eu tenho vinte anos de IBGE e se não estudar os novos conceitos, eu também vou ter problemas". Em sua totalidade, confirmaram as dificuldades de trabalharem com formulários de vocabulário muito técnico, mas sem interferirem na sua interpretação, e graças ao conhecimento que têm a respeito das questões elaboradas e de seu propósitos; mas se consegue obter o resultado esperado através das perguntas de cobertura, segundo um outro entrevistado: "O problema é que o

público não entende os dados seu objetivo". Todos destacaram que o trabalho que fazem é extremamente produtivo, e socialmente importante, graças à interdisciplinaridade que perpassa todas as etapas da pesquisa, no planejamento, preparação, coleta, avaliação, análise e cruzamento de dados, divulgação, entre outras, da mesma. Neste ponto gostaria de destacar o depoimento de um dos mais antigos funcionários do IBGE da região, vejamos: "A única coisa que lamento é que a maioria olha para o meu trabalho como se só estivessemos preocupados com estatísticas, como se eles fossem números; se soubessem como esses números têm mudado as políticas públicas, melhorado a estruturação de alguns projetos, e permitido ação mas eficiente desses projetos nas áreas de saúde e educação!"

Por isso mesmo, no universo de pesquisas realizadas pelo próprio IBGE, existe um público resistente à pesquisa, os motivos são diversos, mas gostaria de destacar algumas observações que nossos entrevistados assinalaram: "Em primeiro lugar, essa resistência está situada muito mais nas classes B e C de nossa sociedade; essa aversão à coleta de dados está diretamente relacionada ao grau de escolaridade e cultura do informante, pois, quanto mais culto for o informante, maior é a dificuldade em se obter a informação desejada; na realidade, deveria ser o contrário, pois partem da premissa de que se trata de pessoas esclarecidas e que, a princípio, não deveriam enxergar numa tabela ou gráfico apenas números, e sim, a realidade do país. Em segundo lugar, esta resistência pode estar no fato de este mesmo público não ser capaz de interpretar os dados divulgados, e não conseguem compreender os objetivos sociais: "... a resposta social dos questionários." É muitas vezes, transformador da pesquisa, cujos objetivos estão implícitos numa simples pergunta do tipo - como é tratada a água potável de sua casa?"

Mas também foi relatado: "Apesar da falta de conscientização de alguns informantes, há aqueles que acreditam no órgão como Coordenador e produtor das estatísticas nacionais."

Nos deparamos, novamente, não só com a necessidade de base teórica mas, principalmente, com os objetivos, ou melhor, de finalidade de uma pesquisa; acredito que fica claro para qualquer pesquisador, e aí, me dirijo, em especial, ao pesquisador da área jurídica, que devemos nos preocupar, não só com o método, mas sobretudo, com a finalidade de transformação e melhoria social de

nossa pesquisa para a sociedade com um todo

Gostaria, neste momento, que percebêssemos como a pesquisa quantitativa, aliada a objetivos e finalidades qualitativas, pode transformar, e como nos utilizamos mal dos dados e estatísticas; afinal, em todo o processo histórico o poder político, leia-se Estado, tem se utilizado de forma muito mais eficiente deste tipo de pesquisa. Um dos colegas entrevistado ressaltou: "Cabe ressaltar que, hoje, o IBGE é um órgão de excelência e muito utilizado pelos órgãos públicos para implementação e análise da eficiência de seu projetos."

V. Conclusão

Poderíamos, aqui, tentar estabelecer uma série de cruzamentos de dados e discussões teóricas, mas acreditamos ser o momento de falar brevemente. Poderíamos tentar discutir de modo mais detido, como a prática pode constatar o teórico; como é, também, possível fazer a associação de técnicas de pesquisa, muito embora pudéssemos escrever outro artigo sobre como é difícil essa associação e sua aceitação no meio acadêmico; poderíamos também ficar horas transcrevendo a experiência de entrevistar o entrevistador e de colocá-lo no papel de entrevistado, o que não foi o nosso propósito.

Mas, gostaríamos, antes de tudo, e mais uma vez, lembrar da importância da pesquisa, do estudo teórico, da construção do pensamento, em especial, numa ciência, e aí, nos reportamos ao Direito, que pretende ser transformadora e formadora de opinião, e porque não dizer contestadora:

(...) uma tomada de consciência do direito e pelos "justiciables"4 da necessidade de uma contradição jurídica global, teórica e prática, estando estes dois aspectos reunidos numa relação dialética. (ARNAUD, André Jean.1998.16p)

Cabe, hoje, aos operadores do direito não só reproduzir tecnicamente aquilo que a sociedade (leia-se elite) estabelece como ordem, de manifestar opiniões conformistas, de ser um reproduzidor de conceitos já estabelecidos. Lembramo-nos de Gramsci que mostrou que todos os que têm função intelectual (a intelligentsia), os que em uma outra linguagem, designamos com "manipuladores de símbolos", contribuem para o aperfeiçoamento do sistema ideológico instituído.

Mas, principalmente, é necessário criar possibilidades para que esta ordem possa ser questionada, contestada e reestabelecida de forma mais justa; afinal, o maior objetivo que todos deveríamos almejar é a Justiça com equidade. Essa contestação, ou melhor, essa transgressão, é, por muitos, considerada como um "desvio" que é o efeito de um conflito de papéis, sentido e vivido pelo jurista no interior de seu próprio estatuto social. Elevado à categoria de defensor do Direito estabelecido pelo Estado, o jurista contestador toma emprestado uma argumentação política para justificar as tomadas de posição contrárias à ordem jurídica, e que ele considera fora de seu papel em relação à sociedade. Deveríamos lembrar de parte da lenda de Diógenes - "O filósofo Aristipo cortejava o poder da corte de Dionísio, tirano de Siracusa. Certa tarde, encontrou Diógenes preparando para si mesmo um pequeno prato de lentilhas. - Se você cumprimentasse Dionísio, não seria forçado a comer lentilhas - disse Aristipo. - Se você soubesse comer lentilhas, não seria forçado a cumprimentar Dionísio - respondeu Diógenes."

Assim sendo, partindo da premissa de que a pesquisa de que tratamos, no presente artigo, pode servir de alicerce para a argumentação política de que fala André Jean Arnoud, no nosso entendimento, se revela de grande importância que a sua realização se dê dentro de parâmetros cientificamente elaborados, e ainda, condicentes com a realidade dos seus objetivos.

REFERÊNCIAS

- ARNAUD, André Jean. Ser Jurista e Contestador. in: *Revistas Críticas ao Direito*, v 1. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- DURHAM, Eunice R. *A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FLICK, Uwe. *Uma Introdução À Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Bookman, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?* Recife: Massangana, 1982.
- FROTA, Teresa Maria. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. São Paulo: Vozes, 1998.
- NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1963.

NOTAS

1 AGUIAR, Neuma (org.). Observação Participante e "Survey": uma experiência de conjugação, in: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. 124-151p

2 Após terminar o curso de História, no qual já havia trabalhado com a pesquisa na área da História das Ideias, tive uma marcante experiência, como supervisora do IBGE, no Censo 1990. Para mim, que havia acabado de sair de um curso, onde a pesquisa qualitativa é valorizada e vivenciada, estar num ambiente, onde a pesquisa tinha outro cunho, que não o quantitativo, foi, a princípio, frustrante, mas, gradativamente, pude perceber que minha visão, a respeito da pouca importância das pesquisas quantitativas para a contestação ou confirmação de algumas questões ambíguas da pesquisa qualitativa, era inadequada. Hoje, percebo que, de forma empírica, sem intenção ou forte percepção, estava já, naquele momento, fazendo uma observação participante que agora me servia de subsídio para alguns dos questionamentos de nosso vertente trabalho.

3 As citações entre aspas, e sem referências, correspondem à íntegra de algumas das declarações dos entrevistados entrevistados.

4 Nome que se dá a todo ser humano quando ele está em relação com os tribunais.

